

«Não poderás ajudar os homens de maneira permanente, se fizeres, por eles, aquilo que eles podem e devem fazer por si próprios.»

LINCOLN

PORTE
PAGO

A VOZ DE LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

13-10-77

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 644

Composição e Impressão

GRÁFICA EDITORA
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA
Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ

MOÇAMBIQUE: — O SILENCIO DO MEDO

A onda marxista, encharcando o Mundo como nódio de azeite, vai alastrando do velho continente ao continente negro.

Impulsionando ódios, encorajando instintos, despertando, fomentando e fermentando falsas e desproporcionadas lutas, incendia e radicaliza classes, deteriora e aniquila, amputa e garruta, subverte e mata os conceitos de propriedade privada, da liberdade de família, do Homem.

No silêncio da noite, que o medo cobre de terror, os vampiros fardados e armados batem à porta dos cidadãos. Arrancados do leito, perante os olhos esbugalhados pela pressão do medo, são arrastados e levados para campos desconhecidos.

A noite serviu-lhes de cobertura. O medo imposto aos familiares não permitiu um grito de revolta. Ficou a angústia esmagando corações no embargo sufocado duma dor opressiva e profunda.

Depois irá a mulher; depois os filhos...

As centenas, uns e outros, para campos diferentes, longínquos, inacessíveis, desconhecidos...

A noite passou a ser o terror dos fracos, dos inocentes, dos desprotegidos. O novo dia, limpou a ferocidade dos crimes que a noite consentiu, aguardando o pânico de nova noite na inconstância e inseurança da que lhe seguirá. Que acontecerá depois, logo, amanhã???

Os Bispos de Moçambique denunciam!

Os Bispos de Moçambique acusam!

...É do nosso conhecimento que, em medidas drásticas levadas a efeito pela polícia, passaram-se graves erros e delitos. Sítios houve onde as prisões se processaram violentamente de noite. Muito dos presos não foram interrogados nem sequer lhes foi dada oportunidade de se identificarem. Foram todos transferidos

que os seus familiares não os possam contactar e ainda hoje desco-

(continua na pág. 2)

(continua na pág. 3)

15 ANOS para a integração de Portugal na CEE

No parecer do ministro da Agricultura e Pescas, António Barreto, emitido aquando da sua recente viagem a Paris, Portugal na sua opinião precisa de 15 anos para a filiação total no Mercado Comum Europeu. Não obstante o governo português ter estabelecido o ano de 1985, António Barreto, em conferência com a imprensa comentou: «Com grande esforço, dentro de 15 anos deveremos estar prontos no ponto de vista

(continua na pág. 3)

E ainda chamam a «isto» «Reforma Agrária»?

ESBULHO E IMPUNIDADE DE MÃOS DADAS NO ALENTEJO

O tempo recuou em Portugal e o que se deu no Alentejo, durante o consulado gonçalvista e o que ainda se está dando em muitos capítulos, como rescaldo, teve (e tem) cópia fiel nos «mandamentos» que informam a prática revolucionária que remonta ao século XIX. O que não se coaduna, aliás, com uma dialéctica que se diz dinâmica e não alienante.

Mas vamos aos factos, já que são eles que estão em causa.

O caso em apreço deu-se com a herdeira Atalhadores, que tem uma

(continua na pág. 6)

«A VOZ DE LOULÉ» PRESENTE NA

III Volta ao Algarve em Bicicleta

BELMIRO SILVA, do Porto-Viauto foi o vencedor

Comentário de
JOSÉ MANUEL MENDES

competição, deu por encerrado o seu trabalho após a etapa final, e cedeu o lugar à chuva e ao vento, como legítimos donos da estação outonal que atravessamos no calendário.

Belmiro Silva, do Porto-Viauto, foi sem dúvida, um vencedor inesperado.

É que, mau grado a ausência de valores de 1.ª ordem no ciclismo nacional, como um Andrade, um Firmino, um Venceslau, os irmãos Sousa Santes, e toda a equipa do Águias-Clok, pois apesar desse facto, estiveram nesta Volta ao Algarve ciclistas de valor firmado e comprovado, homens que se apresentam a qualquer linha de partida como indiscutíveis candidatos à vitória. E tivemos neste caso um Luís Teixeira, um José Madeira, um Adelino Teixeira, o grande vencedor da úl-

tima Volta a Portugal, e que viria a ser um dos grandes animadores da competição que ora terminou.

Se nos perguntarem se o vence-

(continua na pág. 5)

PARA QUANDO o abastecimento de água a Boliqueime?

A Comissão Política Distrital do PSD distribuiu uma circular em que debate publicamente a problema da falta de abastecimento de água à freguesia de Boliqueime.

Na circular referida o PSD defende esta aspiração que envolve não só a sede da Freguesia como todas as zonas limítrofes.

Depois de revelar que a situação é agravada pelas avarias frequentes das bombas existentes em dois postos, salienta que a esperança de so-

lução renasceu aquando se realizaram as eleições das autarquias locais.

E acrescenta: «Mas o que aconteceu entretanto? O tempo foi passando e o problema continuou por resolver. A população não desespera mas legitimamente começa a estar

(continua na pág. 7)

Aos nossos assinantes
no estrangeiro
e... em Loulé

Considerando os elevadíssimos encargos que estamos suportando com o pagamento de taxas aos C. T. T. para fazermos expedir «A Voz de Loulé» para o estrangeiro, muito agradecemos aos nossos dedicados assinantes aí residentes o especial favor de não demorarem com a remessa da importância correspondente ao custo da assinatura, pois só assim podemos continuar mantendo o nosso firme propósito de sermos

(continua na pág. 7)

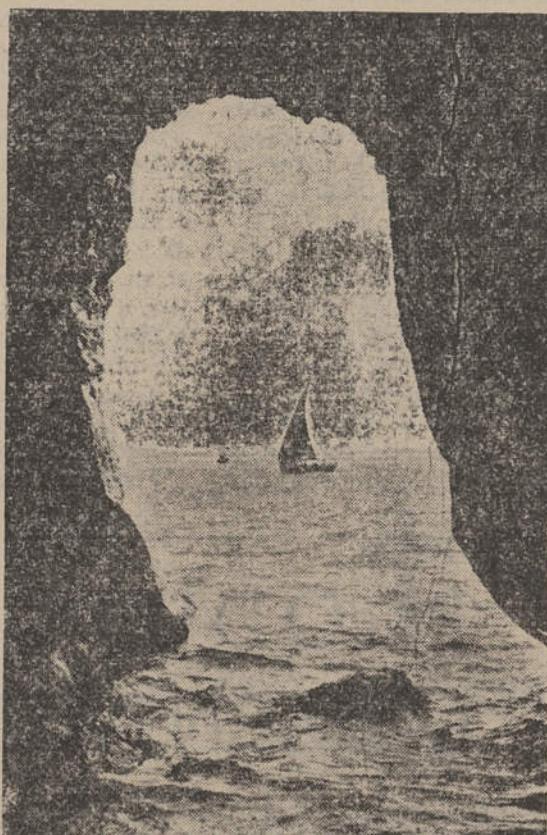
HOTEL RENO

— INJUSTIÇA

NO TEMPO DA LIBERDADE

(Ler 3.ª Página)

ALGARVE!



As brancas velas como libélulas
incandescentes de vida no pólen do mar
O sal beijando a boca do céu
meu amor e eu navegando
Minhas ondas aportando, furando ternamente
pela praia adentro.

JOSÉ MANUEL MENDES

MOÇAMBIQUE: O SILENCIO DO MEDO

(continuação da pág. 1)

nhecem o seu paradeiro. Mulheres e crianças, por vezes eram postas em grupos num espaço reduzido, desprovido de quaisquer condições. Entre os presos encontravam-se mulheres em avançado estado de gravidez, a quem nem sequer foi concedido o mínimo curdido e aterção. Muitas das prisões foram arbitrariamente por vingança pessoal ou má fé.

As prisões arbitrárias sucedem-se... Os incentivos não têm oportunidade de e defenderem... Os presos não têm qualquer contacto com a família... A vida da família está a deteriorar-se... As afrontas e os ultrajes continuam.

Fazem-se fuzilamentos públicos... O terror e o medo dão cobertura e impunidade ao crime organizado sob o impulso e aval da autoridade re-volucionária...

Em Moçambique repete-se a história do que se passou na Polónia, na Checoslováquia, na Guiné, em Angola, na Rússia e no ignominioso período dum Gonçalivismo recente.

Os processos são os mesmos. A força é a mesma. Os propósitos são os mesmos. A vocação totalitária dos respectivos governantes, inspirados pelo marxismo, não olha a meios. Só conhece aqueles, os únicos que constam da respectiva cartilha.

Um dos nossos governantes andou agora por aquelas paragens.

De Moçambique nos diz ser um país em franca arrancada para o socialismo.

Manuel Alegre envia-nos esta mensagem. Presumimos que ela é ditada por conveniência política.

Nós não acreditamos nela.

Quando se põe em causa e se fere a intimidade e a dignidade da Família; quando se dilacera e mata a di-

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do Art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de 4 do mês corrente, lavrada de fls. 106, v. a 107, v. do livro n.º B-96, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de Maria Correia Leandro, ocorrido no dia 27 de Setembro do ano findo, na Av. Maréchal de Lattre de Tassigny, 2, Dijon, França, onde habitualmente residia, natural da freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, no estado de casada em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com João Rodrigues de Sousa, actualmente seu viúvo natural da freguesia dita de S. Sebastião, residente no sítio da Nora dos Velhos, da mesma freguesia, que não deixou testamento nem descendentes, foi habilitada, como sua única herdeira, sua mãe;

Beatriz Correia, viúva, natural da freguesia dita de S. Sebastião, e residente no sítio do Sobradinho de Alfeição, da mesma freguesia.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 6 de Outubro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

REPRESENTANTE COMISSIONISTA

PRECISA-SE para o Algarve.

RAMO: Enxovals, Malhas, Artigos bêbê e diversos. Dá-se preferência a quem se identifique com o ramo. Resposta ao n.º 35.

(5-4)

PIZÕES

UMA AGUARDENTE DE MEDRONHO
ESPECIAL
Que se recomenda

A PROVA... ESTÁ NA PROVA

Sociedade de Padarias Senhora da Piedade, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Setembro findo, lavrada de fls. 98, v. a 102, v. do livro n.º B-96, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, e de harmonia com o deliberado na reunião

da Assembleia Geral da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta vila, que gira sob a denominação de «Sociedade de Padarias Senhora da Piedade, Lda.», realizada na sede social, em 10 do mesmo mês de Setembro, constante de um instrumento público avulso, foi aumentado o capital social de 100 000\$00, para 1 000 000\$00, pela incorporação de fundos de reserva, expressos no balanço, no montante de 900 000\$, proporcionalmente às quotas dos sócios, a fim de se mantiverem as posições relativas que detêm na sociedade, unificadas as quotas primitivas com as resultantes do aludido aumento; e, em consequência, alterado o artigo terceiro do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

Art.º 3.º — O capital social inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escrita é do montante de 1 000 000\$, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma de 27 500\$00, do sócio Aníbal dos Ramos Martins;

uma de 70 000\$00, do sócio Francisco da Silva Barreiros;

uma de 30 000\$00, do sócio Jaime Cavaco de Brito;

uma de 225 000\$00, do sócio Manuel Gonçalves Salgado; uma de 147 500\$00, do sócio Francisco Barros da Encarnação;

uma de 127 500\$00, de Laurinda Pedro Miguel e filhos, Luís Manuel Miguel da Silva e Leonel José Miguel da Silva, como representantes do sócio falecido António Nobre da Silva;

uma de 72 500\$00, do sócio Joaquim Martins;

uma de 70 000\$00, do sócio Amádio Guerreiro Amado;

uma de 52 500\$00, do sócio António Bota Morgado;

uma de 50 000\$00, do sócio José Francisco Guerreiro;

uma de 40 000\$00, do sócio António Maria das Neves Júnior;

uma de 35 000\$00, do sócio Mário Pinto Borges;

uma de 25 000\$00, de Maria Susete Martins Pereira Monteiro, na qualidade de representante do sócio falecido Rafael Pedro Pereira;

uma de 17 500\$00, do sócio José Amado da Cerca;

uma de 10 000\$00, de Manuel Filipe Leal Viegas.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 6 de Outubro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, nos termos do Art.º 97.º do Código do Notariado, que, por escritura de 30 de Setembro findo, lavrada de fls. 90, v. a 91, v. do livro n.º B-96, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de José Rodrigues Pintassilgo, ocorrido no dia 15 de Julho do ano corrente, no Hospital desta vila, freguesia de S. Clemente, natural da mesma freguesia de S. Clemente, habitualmente residente na Rua Quinta de Betunes, desta vila, freguesia dita de S. Clemente, no estado de casado, em primeiras núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, com Filipa dos

Santos Rosa, actualmente sua viúva, natural da aludida freguesia de S. Clemente, residente na referida Rua Quinta de Betunes, que não deixou testamento, foram habilitados os seus únicos filhos:

a) Maria Susete Rosa Pintassilgo, casada com Faustino Freire Leal, natural da freguesia de Marquês de Pombal, da cidade de Setúbal;

b) Sérgio Rosa Pintassilgo, casado com Constância Maria Guerreiro Pinguinha, natural da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé; ambos casados segundo o regime da comunhão geral de bens e residentes nesta vila e freguesia de S. Clemente, respectivamente, nas Ruas Pedro Nunes, n.º 106, e Frei Joaquim de Loulé.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 3 de Outubro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

PRODUTOS ALIMENTARES

ARMAZÉM DE PRODUTOS ALIMENTARES E

BEBIDAS, PRECISA DE VENDEDOR PARA TRABALHAR BAIXO ALENTEJO.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 36.

HOTEL RENO

— INJUSTIÇA NO TEMPO DA LIBERDADE

Lemos mas dificilmente acreditamos que perante tantas vias dolorosas (incríveis) que sulcam a vida portuguesa, em contraste com esboçadas intenções culturais e éticas alianças a projectos promissores de vida social, a liberdade e a justiça permanecem irmanadas.

Só haveria uma única maneira realmente convicta: o de fazer conjugar e conciliar esses sectores essenciais com termos correntes e harmónicos... de forma categórica e não evasiva.

Para que a liberdade e a justiça andem de parceria é necessário que os factos e não as palavras (demagógicas na circunstância) falem com desassombro e deponham inofismavelmente. De contrário haverá apenação scepticismo.

De novo o esbulho, isto é a injustiça consumada e a indiferença coexistem, caracterizando uma multiplicidade de casos que afinal ao contrário do que seria lógico esperar se arrastam indefidamente.

O caso do Hotel Reno é um deles e será precisamente pelo ostracismo a que o remeteram que aqui o lembramos.

O Hotel Reno foi obra de um homem (Tomás Santos) que começando como «groom» ao fim de profundo trabalho de dezenas de anos a fio, conseguiu amealhar em recompensa a sua propriedade.

Com as conturbações consequentes ao 25 de Abril e sob o pretexto da falta de cumprimento de um CCT, ainda não oficializado, uma comissão impede o empresário do acesso às instalações hoteleiras e expulsa-o do que é seu.

Não conformado com a sorte, Tomás Santos trilha a partir daí uma longa marcha de protesto, ainda não interrompida.

Ditige-se às diversas instâncias que poderiam resolver o seu problema, ao Conselho da Revolução, ao Ministério do Trabalho, e as suas diligências sofreram uma pausa quando por motivos de saúde tem de se afastar esporadicamente.

Uma vez restabelecido volta à carga e vê de acorrer ao Ministro do Trabalho, ao primeiro-ministro e secretário de Estado e Turismo.

Em 76, a adversidade volta-nos contra. Depois de lhe ter sido franqueado o regresso ao hotel, uma viragem no Ministério do Trabalho, desfez o tão penoso acordo.

Novamente se lança nas suas tentativas e se bem que as instâncias reconheçam a injustiça de que foi alvo, nada de positivo se fez para remediar.

Publicada a Reforma Agrária

Na edição de 29 de Setembro, publicou o «Diário da República» a Lei das Bases Gerais da Reforma Agrária e a Lei do Arrendamento Rural.

Em referência à legislação promulgada o MAP declarou que «elas vão agora servir de instrumento fundamental na promoção económica e social das populações rurais do País, no âmbito dos objectivos consagrados constitucionalmente».

Por outro lado o MAP objectiva que «não descurou as futuras tarefas que tal diploma legal implica através de um conjunto de normas legislativas e regulamentares».

E a determinada altura: «Prosseguirão ainda, no entanto, as entregas das terras, alfaia e gados, em relação aos quais existiam já despachos cuja execução é reclamada pelos respectivos destinatários».

A Lei da Reforma Agrária, agora saída, foi como se sabe longamente debatida e contestada, o que porém não impediu a sua aprovação na Assembleia da República.

Entretanto, o Governo promete que as normas agora instituídas serão aplicadas.

E assim continua o fadário de Tomás Santos.

Até quando? Até quando finalmente se dará a cultura à direção social em presença que coloca a justiça no adverso da liberdade?

Como poderão ambas subsistir?

São estas as tão apregoadas «amplas liberdades»? De saquear, de destruir, de martirizar, de assaltar os bens alheios e cada um apoderar-se daquilo que os outros criaram ao longo de anos e anos de luta, de sacrifícios sem conta?

Que pena o Cunhal não ter sido suficientemente inteligente para criar algo de seu... para oferecer agora aos seus camaradas.

VIAGEM ÀS CIVILIZACÕES MILENÁRIAS

1 — A CAMINHO DE ATENAS

Aeroporto de Lisboa.

1 de Setembro de 1977.

São 10 horas e 45 minutos. Já passam 30 minutos da hora marcada para a partida, rumo a Atenas.

Estamos dentro de um «Jumbo», ou seja o Boeing 747. A Companhia é a South African Airways.

Estes grandes aviões têm uma capacidade para 340 passageiros, tanto que quase nos perdemos lá dentro. São aparelhos com 70 metros de

15 ANOS para a integração de Portugal na CEE

(continuação da pág. 1) económico e social, embora institucional e politicamente possa ser mais cedo.

Em relação aos actuais problemas que travam o desenvolvimento agrícola português, disse não terem fundamento os receios da CEE de que a entrada de Portugal aumente os excedentes de alguns produtos agrícolas.

Como explicação foi dito que a agricultura portuguesa é dificultada pela baixa produtividade, pela extensão de pequenas empresas rurais, solo pobre e grande desperdício de terreno cultivável.

«Levaremos muito tempo a chegar a níveis competitivos com o resto da Europa», afirmou António Barreto.

LOULÉ



JOSÉ VIEGAS BAPTISTA

Missa e Agradecimento

No dia 21 de Outubro na Igreja da Misericórdia em Loulé será celebrada missa sufragando a alma de José Viegas Batista.

A família agradece, desde já, a todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto, bem como aos que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

O Porto de Pesca de Quarteira

I
Em 1960, depois de termos presidido durante 4 anos à Junta de Turismo, publicámos neste jornal um estudo de valorização económica do nosso concelho, sob o título «A pobreza e a riqueza do concelho de Loulé», cujo 5.º capítulo tratava do atraso da pesca em Quarteira.

Depois de dizermos que Quarteira era conhecida na costa do Algarve como sendo um viveiro natural de pescadores, dizímos que em 31-12-58 estavam inscritos na Delegação Marítima de Quarteira

1039 pescadores o que, para um total de 3 798 habitantes da freguesia, representava 27% dedicados à pesca.

Dissemos também que a tradição da pesca em Quarteira era tão grande que o rei D. Afonso III, ao dar o foral ao concelho de Loulé, em 1266, reservara para o seu realengo os rendimentos da pesca da baleia então existente em Quarteira.

Mas as formas de pesca em Quarteira, com as suas tradicionais artes de xávega, precisam de ser remodeladas — dizímos então — entrando-se francamente no campo da motorização, para dar aos pescadores maior mobilidade e mais certeza nas suas actividades.

Sendo, como é, Quarteira um viveiro natural de pescadores, parecia que, anexo ao seu Centro Social, então recentemente inaugurado pelas Casas dos Pescadores, se devia montar uma pequena Escola Regional de Pesca, onde se ministrassem as noções rudimentares da orientação pela bússola, o que a grande maioria dos pescadores quarteirenses desconhecia, e daí, talvez,

a falta de confiança em se afastarem da vista da costa. E não só isto, como também o conhecimento do trabalho e pequenas reparações dos motores a óleos pesados, para moverem as suas lanchas; das sondas eléctricas, para pesquisas do peixe; o conhecimento das cartas batimétrica (fundos) e litológica (pedra) da costa algarvia, etc.; enfim, um certo número de conhecimentos que lhes dessem mais certeza e segurança no modo de vida que praticavam e, por outro lado, conseguirem preços de custo mais baixos para a maior quantidade de peixe apanhado, pois verificava-se, em determinadas épocas, ser aqui o peixe mais caro do que nos outros portos.

Mas nada de especial. Às 11 horas o avião começa a mecher e, passados 5 minutos, estamos no ar. Antes houve as habituais explicações por intermédio das espelheiras, sobre a maneira de se utilizarem os cintos de salvamento, da máscara de oxigénio em caso de descompressão, etc. Também, como habitualmente, poucos passageiros prestam atenção.

Ao meio-dia é distribuído o almoço, bem servido, cujo prato principal constava de carne assada com banana. É um prato típico africano. Para quem não está habituado é um pouco enjoativo.

A 12 000 metros de altitude a paisagem que se disfruta é monótona: somente uma espessa camada de nuvens, lá em baixo. Cá por cima, não nos falta o sol.

Devido à altitude, os ouvidos vão dando, de vez em quando, uns estalinhos.

São 13 horas. O avião começa agora a descer, lentamente, em direcção ao aeroporto de Roma, onde fará escala. Desta vez iremos a Roma, mas não veremos o Papa (Só se ele estiver à nossa espera, o que não é muito provável...).

Seguem-se as instruções para apertar o cinto (Caramba! Até parece que ainda estamos em Portugal!).

Deixámos as nuvens. Pela janela vímos as praias que servem Roma, principalmente a famosa praia Ásia, de águas calmas e mornas, de areias finas e de ambiente repousante, pacato e sossegado. Nestas praias, como tivemos ocasião de presenciar há três anos, não entra quem quer, mas sim quem compra bilhete de ingresso, pois são vedadas.

A descida continua. Dos trezentos e tal passageiros, só algumas crianças falam. O resto tudo se cala, pensando que a aterragem é uma das manobras mais perigosas.

Às 13 horas e 23 minutos, sentem-se as rodas do aparelho beijar o chão, estremecimentos e... cá estamos pousados.

Saem alguns passageiros, quase todos italianos e portugueses, e outro entra, desta vez, gregos.

Quarenta e cinco minutos são passados e voltamos ao ar, na direcção de Atenas.

Próximo capítulo: 2 — UM POCO DE HISTÓRIA

M. VAZÃO

se fosse aplicado em Quarteira, viria, decerto, impulsionar as suas actividades piscatórias.

Tratava-se de um cabo de aço que é puxado de terra por um guincho mecânico, o qual passa num moitão ancorado no mar, à distância de 120 metros da costa, portanto fora da rebentação da vaga. Estabelece-se assim um movimento de vai-vém entre o mar e a terra, o que permite não só puxar os barcos para terra, como lançá-los dela para o mar.

Este trabalho é facilitado por uns cabos-guias que estão presos ao cabo principal, os quais têm por fim manter o bloco perfeitamente direito e sempre contra a vaga, de forma a evitar o seu naufrágio.

Pedimos ao nosso conterrâneo eng. construtor João Farrajota Rocheta, então director técnico dos estaleiros de Lisboa da C. U. F., que apreciasse este estudo, pronunciando-se favoravelmente.

Entre outros, destacamos os seguintes pontos: «Com este sistema de varação, a pesca é considerada um trabalho seguro, não se verificando desastres desde a 2.ª guerra mundial. O guincho mecânico pode varar barcos até 18 toneladas de registo, sobre a areia, que amortece o choque ao abicar a praia.

«O custo inicial desta instalação foi calculado, em 1960, em 461 contos, mas evitava um porto artificial permanente, um dos quais, em construção, estava orçado em 283 mil contos».

É preciso esclarecer que, na Dinamarca, o clima é borrasco, de forma que só permite 120 dias de pesca por ano, o que está longe de acontecer em Quarteira.

As medidas preconizadas em 1960 foram ultrapassadas.

Passados 17 anos, nenhum barco já se desloca à vela ou a remos, como em 1960 sucedia, e os tractores permitiam a varação das lanchas que passavam a ter motores a gasolina, de borda-fora, e depois da Marina construída e o Governo ter determinado, por lei de 1970, que a pesca artesanal poderia utilizar-se do ante-porto da Marina, nós hoje observamos que os barcos de pesca já têm motores a gasóleo, mais económicos e mais potentes que os das lanchas.

Proximamente terminaremos.

A. S. P.

Centro Comercial da Marina de Vilamoura

ADMITE

EMPREGADA PARA SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Para trabalhar junto da Direcção do Centro, preferência com o 3.º ciclo dos Liceus, prática de serviços gerais de escritório, dactilografia, domínio de línguas estrangeiras e aptidão para relações públicas.

Enviar currículum por manuscrito, se possível com fotografia e ordenado pretendido.

O CENTRO COMERCIAL DA MARINA VILAMOURA
VILAMOURA



Olha que não, Luís Pereira, olha que não...

POR JOSÉ MANUEL MENDES

Gostaria que esta nossa arena não descambasse em «crónicas de esconde e mal dizer...». Não caro Luís, isso não! Mas se me permities, embora recuses a condição de moço de tecados, e apresentes uma prosa aparentemente condescendente e mesmo paternalista nesta tua resposta aos meus «recadinhos simplórios», como os teus escritos em geral, parece não te dares conta de toda a actividade que tens desenvolvido como «recadista», avinagrado, diga-se de passagem — que não de maus talentos —, desde que iniciaste a tua actividade de «escrivenador sem recompensa», passando tecados a toda a gente e mais alguma.

Isto porque, embora levantes aqui ali o semblante inocente dos «dezanove anos pouco experientes», para além de uma fotografia infeliz de pretensa precocidade mental, mas que até não vem aqui directamente ao caso, arrogas-te o direito de criticares tudo e todos, até aqueles a quem — como foi o caso do ataque ao Dr. Luís Filipe Madeira — independentemente das verdades que dissesse, não serias tu, nem de perto nem de longe, a pessoa indicada para o fazer, até porque quando o actual Secretário de Estado do Turismo andava nas lides políticas que he grangearam fama, não devias tu ter outras preocupações muito além do berlinde, do pontapé na bola ou outro entretém do género, na infantilidade e ingenuidade dos teus dez-ouze anos!

E até porque, embora te auto-intitules como «inserido num plano de crítica construtiva e não de lavagem de roupa suja», outra coisa não fizeste no ataque ao dr. Tenazinha, do qual não tenho alíás, nem querer ter, procuração alguma!

Venho eu dizer-te isto tudo, embora saiba de antemão que não te incomoda nada a opinião que eu possa ter sobre os teus artigos, nem te incomoda nada a opinião que alguém possa ter sobre os teus artigos, até porque eles são premeditadamente feitos «para incomodar uns e agradar outros».

Venho dizer-te isto, porque ninguém teve ainda a paciência ou o sacrifício de protestar que algo está mal no «reino da Dinamarca», e expõe-se ao desconchavo público da pena verinosa de quem parece não ter nada a perder, de um franco-atiador que em laivos de aparente «valentão das dúzias» afirma não temer nada nem ninguém, escudando-se numas demagógicas «lutas pela paz, pela justiça e pela verdade, pelo progresso e pela liberdade», valores que no fundo todos dizem defender, e dali ninguém o tira, ele pensa como pensa, ninguém é obrigado a concordar, e acabou-se!

No fim de contas, tu com as tuas pretensões a cavaleiro andante e a juiz de causas rocambolescas ou não, e em quantas delas não tens um mínimo de bases de apoio que legitimem os teus julgamentos, para além da facilidade do metralhar a torto e a direito com demagogia barata que se pode ler em qualquer panfleto de polémica política, vens revelando ser o paladino da tal «indústria de moralidades e dos «recadinhos moralistas» que pretendes colar-me às costas.

Todavia, se reflectires um pouco aí na tua aldeia, que já não é tão pequenina como isso, verás como assentam bem aqueles adjetivos num indivíduo que dos vinte e sete ou vinte e oito artigos que escreveu atacando, com justiça ou não, uma série de pessoas, coisas e loisas, utilizando requintes de crítica «construtiva, a bem da paz e do progresso...», falou duas ou três vezes da zona onde habita, e isto tudo publicado num jornal que, como «A Voz de Loulé», deve servir primordialmente a informação regional que os seus leitores procuram, e depois sim, virão bem distribuídos no espaço e no tempo de leitura, as polémicas,

as opiniões individuais, as crónicas do real e da ficção, a revelação literária, o despertar das potencialidades locais, etc., etc. Foi nisto que começou a nossa conversa há semanas atrás, e foi nisto que viemos dar (!), quanto mais não seja para te devolver os «mimos» que tiveste a gentileza de me endossar, e muito especialmente, a quadra do grande poeta Aleixo por quem nutro grande admiração, mas que tem afinal dois gumes, como a espada de Demóclates. E já agora, a título devolutivo, permito-me juntar outra para não ficar em dívida:

«Se não souberes ser prudente quando desfaças de alguém dás motivo a que outra gente desfaça de ti também».

Cordialmente,
JOSÉ MANUEL MENDES

NOTA DA DIRECÇÃO — Esta polémica gerada entre dois colaboradores deste jornal é consequência da fogaçidade e impulsividade de dois jovens, que não desfarcam o seu inconformismo perante as deformações sociais do nosso tempo.

Embora discordantes no pormenor, as suas ideias são convergentes na sua incontida ânsia de verem melhoradas as condições de vida dos portugueses, para que não se sintam traídos quanto acreditam num ideal democrático que só poderá proporcionar uma ambicionada felicidade através da prosperidade individual.

José Manuel e Luís Pereira são 2 valores que despontam para o jornalismo e ambos têm argumentos que poderiam deteriorar indevidamente esta polémica pouco coerente para quem professa os mesmos ideais.

Não interessa ao director deste jornal o incitamento a polémicas que poderiam tornar-se estériles e desprestigiadoras para as partes envolvidas na valorização de «A Voz de Loulé» e por isso parece-nos vantoso tornar claro que não compete a José Manuel Mendes nem selecionar os colaboradores deste jornal e nem sequer aquilo que eles desejem escrever. A nossa missão é manter uma linha de conduta que não traia os nossos ideais, o que não implica a imposição a outras pessoas de pensarem pela nossa cabeça.

Se, por um lado, gostaríamos que Luís Pereira fosse com mais frequência (e já lhe dissemos isso pessoalmente) problemas de Boliqueime, não podemos deixar de publicar os artigos que tão gentilmente nos envia e cujo mérito é evidente.

Compreendemos Luís Pereira: é jovem e sente-se revoltado perante as injustiças dumha sociedade que se quer mais justa. Por isso não pode calar o seu grito de indignação perante o mundo louco em que vive-mos.

Também não achamos que os problemas políticos estejam deslocados na «A Voz de Loulé». Aquelas que assim pensam esquecem-se que temos largas centenas de assinantes no estrangeiro que não têm nem os diárioss nem os semanários portugueses de grande expansão e talvez ignorem que o nosso jornal é muito lido nos maiores rurais do concelho de Loulé onde geralmente os jornais de Lisboa não chegam.

Além disso, não percebemos a razão porque se não hás-de falar de política. Se no tempo da «oura senhora» não fazímos por não nos interessar elogiar a ação de maus governantes, (a Censura condicionava o nosso pensamento), vamos-nos agora calar (de novo) só para não fazer ondas?

É essa a liberdade de imprensa porque se ansiasi?

Se os políticos cometem erros que prejudicam o País (embora fiquem pessoalmente beneficiados) por que não hás-de a imprensa criticar esses erros?

Afinal temos ou não temos liberdade de imprensa? Não foi para isso

(também) que se fez o 25 de Abril? Evidentemente que deve haver o bom senso de não criticar a torto e a direito só pelo gosto de criticar sem olhar às consequências e às responsabilidades.

E foi exactamente por atentarmos nas consequências, que evitámos a publicação do artigo a que Luís Pereira faz referência na penúltima edição deste jornal e que dizia respeito à Câmara de Loulé.

E é exactamente para evitar aborrecimentos, que hoje pedimos a Luís Pereira que não responda a José Manuel Mendes.

«A Voz de Loulé» considera muito valiosa a colaboração de ambos e não quer vê-los desentendidos. Prefere-os em fraterna convivência de 2 amigos, tercando armas pelo ideal de fraternidade humana que é comum a ambos.

O que não restam dúvidas a ninguém (que leia os seus artigos) é que Luís Pereira é um jovem que defende corajosamente a Verdade. Podem criticá-lo, contudo, mas não o desmentem e essa será uma das razões da sua coragem.

E é de muitos jovens corajosos (pelo menos os jovens amantes da Verdade e da Democracia) que este País precisa para não se afundar na lama pestilenta da miséria e da fome para onde alguns pretendem vil e temosamente empurrá-lo — para o escravizar.

O DIRECTOR

V SINODO DOS BISPOS REUNIDO NO VATICANO

Teve começo no dia 30 de Setembro passado e prolongar-se-á pelo espaço de um mês, o V sínodo dos Bispos reunido no Vaticano, o qual dedicará fulralmente a sua atenção à catequese das crianças e dos jovens.

O encontro sinodal congrega a presença de 200 bispos vindos de todas as partes do mundo, em representação de 650 milhões de católicos.

No âmbito da reflexão sinodal será admissível que vejam à tona para além do tema primacial ligado à formação e evangelização cristãs da juventude, que se mostra cada vez menos receptiva à fé, outros candentes problemas, designadamente, afecções à pastoral dos divorciados, a defesa da vida, a situação da Igreja nos países do Leste e o ecumenismo,

tanto mais que se pretende, para além da passividade de acompanhar, uma atitude corajosa de integração mais interessada e mais actuante perante a sociedade humana e os valores individuais em constante transformação.

Assim, é que se reconhece oficialmente que «não parece mais possível pensar-se num único catecismo para toda a Igreja como aconteceu em outras épocas», posto que a disseminação diocesana por todos os recantos do globo implica necessariamente um diálogo inteligível em termos de linguagem e pensamento peculiares e característicos.

O V Sínodo em decorrência foi antecedido de um inquérito o qual obteve o maior número de respostas

Assim se conhecem os amigos

Foi a Suíça o primeiro país a assinar o acordo de participação no grande empréstimo que um grupo de nações vai conceder a Portugal. Para analisar a operação do empréstimo nipónico, o Primeiro-Ministro, Mário Soares deslocar-se-á ao Japão.

CAMPANHA DO FIGO 1977-1978

A campanha do figo teve início no dia 1 de Outubro, devendo ser obrigatoriamente manifestado até 15 de Outubro todo o figo industrial produzido na presente campanha, nos termos da legislação em vigor.

De acordo com o disposto na Portaria n.º 597/77, de 20 de Setembro, a Administração-Geral do Açúcar e do Álcool pagará o figo, ao preço de Esc. 80\$00, por cada arroba de 15 quilogramas, posto por conta dos produtores nas destilarias que vierem a ser indicadas.

Este preço refere-se a figo isento de impurezas e com um grau normal de humidade, sem o que se procederá a descontos proporcionais à incidência destes factores.

O manifesto de figo deve ser preenchido e remetido no prazo estabelecido (1 a 15 de Outubro), pois é da maior importância para a economia do sector, e conhecimento rápido das quantidades produzidas, de modo a poderem ser estabelecidos, com a devida antecedência, programas de laboração das fábricas de álcool e da aquisição de matérias-primas complementares.

Os produtores-destiladores — além da obrigatoriedade de efectuarem o manifesto do figo — têm que preencher o manifesto de aguardente de figo em impresso próprio, indicando na primeira coluna a quantidade total de aguardente de figo que vão produzir e nas restantes a sua repartição de acordo com os fins a que se destinam (consumo próprio, para engarrafamento, para entrega a A.G.A.). O preenchimento deste manifesto deverá também obedecer às regras de exactidão já referidas e o seu envio efectuar-se dentro do prazo fixado (de 1 a 15 de Outubro).

A quantidade total de aguardente de figo indicada no manifesto deve corresponder à quantidade de figo

constante do manifesto de figo e indicado na coluna (transformação em aguardente), devendo as quantidades destinadas à A.G.A. ser pagas ao preço de Esc. 10\$24, por cada litro a 50°x20° c. posta na fábrica de álcool a indicar pela A.G.A. de acordo com a localização da destilaria.

A margem de laboração da aguardente, na base de 50°x20° c, posta nas rectificadoras a indicar pela Administração-Geral do Açúcar e do Álcool, tendo em consideração o rendimento mínimo de 8,75 litros por arroba de figo é de 1\$10.

Reforma Agrária Fogo posto na reserva da herdade da Pereira em Évora

Na segunda-feira, dia 12 de Setembro, trabalhadores rurais da UCP comunista «22 de Julho», no concelho de Viana do Alentejo, deitaram fogo ao restolho de trigo da reserva recentemente entregue ao agricultor na herdade da Pereira. Trata-se dum nova agressão contra esta reserva, após os graves incidentes de 29 de Agosto, em que a UCP pretendeu opôr-se pela violência à demarcação da reserva e sua entrega para cultivo ao agricultor. Com este crime, a UCP pretendia destruir a pastagem necessária ao sustento do gado durante o Inverno.

Chamados os bombeiros de Évora para extinção do fogo, estes foram impedidos de fazer por uma baragem na estrada formada por elementos da UCP criminosos.

O agricultor pediu a comparecência de técnicos do Centro Regional da Reforma Agrária de Évora, que se fizeram acompanhar por uma força da GNR de Évora.

Apanhados em flagrante delito de fogo posto, alguns trabalhadores rurais confessaram imediatamente o crime, declarando que tinham agido por ordem dum dos chefes da UCP 22 de Julho.

VACAS DE CARVALHO

Porque fogem do «Paraíso»?

Durante os últimos 16 anos foram 16 290 os que pretendiam escapar de Berlim Leste, mas 180 não conseguiram, pois foram abatidos à bala pelos guardas fronteiriços da Alemanha Democrática.

...Nem sequer têm liberdade de fugir.

Têm que aguentar ou arriscar a vida.

LOULÉ



AGRADECIMENTO

LAURA DAS DORES
CLEMENTE

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

III VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

(continuação da pág. 1)

dor foi justo, pois teremos que concordar que sim. O Belmiro Silva foi um ciclista que começou a dar nas vistas logo no prólogo inicial de Vilamoura, cotonou-se como um dos três grandes da dura escalada para Fóia, e acabou por conquistar a camisola amarela ao Adelino Teixeira na Pista de Tavira, vindo depois a defendê-la com invulgar garra e tenacidade. Atributos estes que, e é de inteira justiça referi-lo nesta hora de rescaldo revestiram também o comportamento dos outros detentores da camisola amarela.

José Madeira, do Campinense-Marina, o ídolo dos aficionados algarvios, venceu brilhantemente o contra-relógio inicial, e defendeu enquanto pôde a sua posição no 1.º lugar da tabela classificativa geral. Ele caiu na etapa das Penhas Algarvias, mas caiu como um verda-

deiro campeão, lutando e comandando até não poder mais, traído pelo esfrangalhamento da sua equipa que ficara arrasada pelos sucessivos ataques que o Benfica, o Porto-Viauto e muito especialmente o Lousa-Trinaranjus, lhe moveram desde o começo.

Lá no alto, no cimo da montanha, Adelino Teixeira prevou uma vez mais que não foi por acaso o grande vencedor da última edição da Volta a Portugal em bicicleta. Ele arrancou irresistivelmente a mil e quinhentos metros da meta, e pregoou quase todos os seus adversários, à exceção de Belmiro Silva, e de Herculano de Oliveira, uma velha águia destas etapas montanhosas.

A partir dali, Adelino Teixeira cotonou-se como o provável vencedor desta competição. E foi precisamente na pista de Tavira, nas corridas táticas que o sistema por séries proporciona, que Adelino perdeu a sua

camisola amarela para Belmiro Silva, que não mais a viria a despir até final, em Loulé, onde soube briosamente fazer jus à inscrição do seu nome na lista dos grandes vencedores da Volta ao Algarve em bicicleta.

Numa breve apreciação final diremos que, Luís Teixeira da Coelima constituiu a maior desilusão, José Madeira do Campinense-Marina foi um digno campeão vencido, Adelino Teixeira foi o homem mais forte e Belmiro Silva um vencedor justo.

A III Volta ao Algarve em bicicleta tem nou em bem, e a tempo e horas.

Ficamos esperando pela IV Volta ao Algarve para o ano que vem, e fazemos desde já votos de que, ela seja tão boa e decorra com um interesse tão elevado, pelo menos, como decorreu este ano.

JOSE MANUEL MENDES

CARRETES PESADOS DA VOLTA AO ALGARVE...

● A direcção da corrida entendeu por bem, definir que a classificação colectiva apenas contaria os tempos dos dois primeiros classificados de cada equipa. «É em homenagem ao Bombarralense — dizem eles, — que fez todos os esforços para vir, e apenas conseguiu trazer dois ciclistas».

É claro que não faltaram logo as más-línguas, que por entre dentes rosnavam: «Pois é, como o Campinense-Marina não tem terceiro homem...».

Olha, afinal nem sequer segundo homem tinha!...

● O Brito da Mana, é um daquele tipos que, salvo em táticas e estratégias especiais e manhosas, é daquelas pessoas que diz o que tem a dizer.

É claro que, se achamos montes de piada em que ao referir-se à Fóia, está sempre a enganar-se e a chamar-lhe Penhas (da Saúde), já um certo tom de acusação envolve as suas palavras quando aponta desassombroadamente para quem quer ouvir: «Há profissionais a mais no ciclismo português!... E chamam-lhes amadores!»

Haverá? Ele lá sabe. E note-se que é um dos poucos homens que têm tido a coragem de dizer desassombroadamente não! a este «amadorismo» de nem carne nem neixe. «Que ou se vai para o amadorismo puro, ou se vai para o profissionalismo! Agora, assim não! Uns a treinar ao fim de oito-dez horas de trabalho, e outros que só vivem das bicicletas, isso não!»

E realmente, ou há moralidade, ou cometem todos!...

● Logo no início da III Volta ao Algarve em bicicleta, procurámos saber junto do responsável pela equipa espanhola do Riego Lomba-Cesantesa de Pontevedra, sobre o valor dos seu «muchachos», e obtivemos o seguinte «esclarecimento»: «Hombre, pues mire usted, de las setenta corridas que mi equipo corrió, gañó sessenta y ocho, y en las otras duas, se hay quedado en la segunda posición!...»

É caso para desconfiar se em Pontevedra não haverá só duas equipas, e em que a outra estará ao nível aí da nossa equipa das Barreiras Brancas que, todos os anos vence com invulgar brilhantismo a corrida do Carnaval de Loulé, a grande Volta às Tabernas do Concelho!...

● Na reunião da Direcção da Direcção da Prova com os órgãos de informação, Brito da Mana, personagem sobejamente conhecida e popular nestes meios ciclisticos, iniciou a dita conferência com a seguinte frase bombástica: «Eu, ...como Director da Corrida, e bruto como sou, e que toda a gente sabe aliás, acho que...»

Pois diga-se aqui em boa verdade, que o Brito da Mana conduziu a prova com assinalável categoria. Merece parabéns e... musical!...

● Pedro Bárbara foi um ciclista do Ginásio de Tavira, que correu uns anos pelo Benfica e regressou depois a Tavira. Recentemente, faleceu num desastre que lhe foi fatal. Em homenagem à sua memória de homem e de desportista, um grupo de amigos instituiu as Metas Pedro Bárbara, quotizadas entre si, arranjaram uns dinheiros para premiar os primeiros ciclistas que nelas passaram. Desta modo, ficou tudo em bom: honrou-se a memória de Pedro Bárbara, e ficaram contentes os ciclistas, que assim puderam arrecadar mais uns patacos nos bolsos das camisolas, o que bastante falta lhes faz, pois o material anda muito caro.

E realmente, desgraçado País este que está pelas últimas: os carros e as motas valem diamantes, a gasolina é ouro, a bicicleta a pedal é o que se vê, e até uns sapatos custam os olhos da cara!...

● Doping! Houve com grande fartura. Uns deitavam-na pelos olhos, outros pela boca, outros por outros lados. Apostas houve mesmo, sobre o número de ciclistas que não tomou a pastilha da ordem ou a picaria veia do braço, mesmo em andamento e tudo. É uma alegria. No fim das apostas, ninguém quis meter as mãos no fogo por nenhum ciclista!...

● E até houve aquele caso drástico daquela mulherinha, já velhota e escavadinha, coitadinha, e que ao ver ali mesmo em frente à sede do Campinense, o Carlos Vitorino pedalando isolado para ganhar a etapa em Loulé, deu o badagaio final, e entregou desportivamente a alma ao Criador...

JOSE MANUEL MENDES

PRÓLOGO DE VILAMOURA (4,5 Kms)

Muito sol, muito calor, no público e na competição

Vários milhares de espectadores entusiastas do desporto velocípedico, não trocaram o prólogo inaugural da III Volta ao Algarve pelo refrescar apetecido da praia, ali a dois metros do local do contra-relógio, um percurso de 4,5 kms, numa zona circundante à Aldeia do Golfo, em Vilamoura.

Bastante expectativa, muito entusiasmo que, diga-se de passagem, não foi defraudado, mau grado a ausência de valores consagrados da velocipédia nacional, como foi o caso de Joaquim Andrade, Firmino Bernardo, Venceslau Fernandes, os irmãos Sousa Santos e toda a equipa do Águas-Clok, que por um motivo ou por outro, não puderam emprestar o seu concurso a esta competição.

O prólogo, todavia, não perdeu por isso o interesse desportivo, uma vez que os corredores, e eles eram à partida 50, deram o melhor do seu esforço para valorizar a prova.

A primeira nota de sensação, e que se iria prolongar por cerca de três quartos do contra-relógio, foi o tempo obtido por Belmiro Silva, do Porto-Viauto, que estabeleceu 6.08.2/5, tempo que perdurou e chegou a dar a sensação de só muito difícilmente vir a ser batido.

Porém, com o aproximar do lote dos últimos a partir, o interesse crescia, mormente na expectativa da prova do homem do Campinense-Marina de Loulé, José Madeira, por muitos apontado como o grande favorito à vitória final nesta III Volta ao Algarve.

Entretanto, o tempo de Belmiro Silva, começou por ser batido sucessivamente, primeiro pelo seu colega de equipa Manuel Gomes, depois por João Sampaio da Coelima, e finalmente por José Madeira, que estabeleceu a excelente marca de 5.54, foi o único ciclista a baixar dos seis minutos, e arrebatou assim o primeiro lugar da classificação geral, pese embora a boa réplica de Luís Teixeira da Coelima e de Adelino Teixeira do Lousa-Trinaranjus, que se classificaram respectivamente em 2.º e 3.º lugares, respectivamente.

No que se refere aos outros louletanos, há que referir as boas provas de Américo Silva um veterano feito «louléano» à pressão, Joaquim Colaço e Carlos Vitorino.

Eis as classificações dos corredores do Campinense-Marina:

1.º — José Madeira	5.54
9.º — Américo Silva	6.10
17.º — Joaquim Colaço	6.16
18.º — Carlos Vitorino	6.17
24.º — Manuel Gonçalves	6.20
34.º — Luís Teixeira	6.28
39.º — José Afonso	6.32
50.º e último classificado, Agostinho Babo — Dramático-Lusotex	7.13

POR EQUIPAS:

1.º — Coelima	12.04
2.º — Campinense-Marina	12.04
10.º — Dramático-Lusotex	13.12

1.ª ETAPA LOULÉ-PORTIMÃO (100 Kms)

Chegada ao sprint

Logo após a partida em frente à fábrica de cerveja Marina, os corredores atacaram a subida de acesso a Loulé com determinação, e atravessaram a vila em direção a São Brás de Alportel, atingindo por vezes velocidades na ordem dos 60-70 quilómetros.

Aos 12 kms de prova, mais exactamente na aldeia de Vilarinhos, registou-se a primeira tentativa de fuga em forma. Entraram nessa escapada Manuel Gomes do Porto-Viauto, Carlos Santos do Benfica, Adelino Teixeira do Lousa-Trinaranjus, Américo Silva do Campinense e Manuel Gonçalves também do Campinense-Marina.

Com Manuel Gomes, Carlos Santos, e muito especialmente, Adelino Teixeira, a puxar em esforço, aos 23 km de prova a diferença cifrava-se em 300 metros, para em Faro, onde estava instalada a Meta Turismo, o avanço ser de exactamente 35 segundos.

Nesta Meta-Volante, o 1.º foi Américo Silva do Campinense-Marina, o 2.º Carlos Santos do Benfica, e o 3.º Manuel Gomes do Porto-Viauto.

Mais adiante, nas Pontes do Marchil, o avanço tinha aumentado para 45 segundos, e entretanto tinha decorrido a primeira hora de prova com 41 kms volvidos.

A reacção do pelotão não se fez porém esperar, com José Madeira à cabeça defendendo briosamente a sua camisola amarela, e a junção consumou-se ao km 44 antes de Almancil.

Na Meta Pedro Bárbara, frente ao Casino de Vilamoura, o 1.º foi

Celestino Severiano do Lousa que deu forte esticão, adiantou-se cerca de 50 metros, mas foi de pronto alcançado.

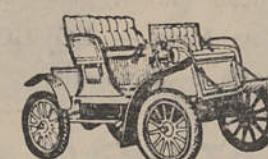
A 2.ª hora foi percorrida à média de 37 kms, o que reflectiu na verdade de um abrandamento de todo o pelotão. Aos 83 kms, pouco depois de Alcantarilha, Guilherme Rocha, do Porto-Viauto, ensaiou uma escapada, Carlos Vitorino do Campinense-Marina não lhe conseguiu acompanhar o ritmo, e o ciclista nortenho logrou pedalar alguns kms. isolado, mas sempre com o pelotão à vista, que acabaria por reabsorvê-lo e fazer uma chegada em Portimão disputada ao sprint, onde o mais rápido foi José Amaro.

1.º José Amaro — Benfica — 2 horas, 34 m. e 29 s.; 12.º — José Madeira — Campinense-Marina, mesmo tempo; 21.º — Carlos Vitorino, Campinense-Marina, m. t.; 24.º — Manuel Gonçalves — Campinense-Marina, m. t.; 30.º — Luís Correia — Campinense-Marina — m. t.; 40.º — Joaquim Colaço — Campinense-Marina — m. t.; 43.º — José Afonso — Campinense-Marina — m. t.; 46.º — Américo Silva — Campinense-Marina — m. t.; 50.º — Avelino Ferreira — Coelima — 3 h. e 15 segundos.

POR EQUIPAS:
1.º — Benfica 5.08.50
7.º — Campinense-Marina m. t.
10.º — Dramático-Lusotex m. t.

(Conclui no próximo número)

JOSE MANUEL MENDES



Um automóvel para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão.

Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ

CROL de laranja
CROL de ananás

QUE RECOMENDAM
AOS CONSUMIDORES DE

BOM GOSTO

Esbulho e impunidade

DE MÃO DADAS NO ALENTEJO

(continuação da pág. 1)

parcela enfiada na Freguesia de Montargil (Ponte de Sor) e outra na Freguesia do Couço (Coruche), a qual não foi mais nem menos do que um dos muitos episódios característicos que eclodiram nas terras alentejanas, orquestrados pela batuta colectivista.

Pois a herdade Atalhadores, pertencente a 70 coo-proprietários e trabalhada directamente pelos mesmos, acabou por ser ocupada totalmente em 19 de Novembro de 1975 e, como consequência da política agrária então vigorante, expropriada em 10 de Novembro de 1976. Como efecto da confusão propositadamente gerada nunca o Centro de Reforma Agrária chegou, como ao menos elementarmente se impunha, a proceder ao inventário dos bens ali existentes. Em resultado, tanto máquinas agrícolas e alfaias, como mobiliário e outros pertences foram saqueados e absorvidos pela voragem das ocupações selvagens.

Ora, a herdade Atalhadores é constituída dominicamente por um agregado florestal formado por densa plantação de sobreiros, já que a quase totalidade do terreno, de fraca aptidão, não indicava a exploração agrícola diversificada.

Depois da ocupação a propriedade foi deixada ao abandono.

No ano corrente, face a uma exposição feita pelos antigos proprietários e dirigida ao actual Ministro da Agricultura e Pescas, no sentido de reclamar uma participação nos resultados da comercialização da cortiça extraída da referida herdade (estimada em cerca de 50 000 arrobas) em relação proporcional a sete anos, foi-lhes dado saber, em resposta subscrita pelo Director do C. R. R. A., que a U. C. P. Álvaro Cunhal tinha já procedido à tiragem, transporte e venda da cortiça em questão.

Morte suave

Nos Estados Unidos da América, a pena de morte por cadeira eléctrica vai ser substituída por uma injeção.

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída por Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

Cola CROL
de pura cola
REFRESCANTE ESPECIALIDADE

Exija o refrigerante de

Cola CROL
e será melhor servido



JOÃO VIEGAS PRADO AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais profundo agradecimento a todos quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

MODISTA

CONFECÇÕES
MARIA ODETE

Sistema francês em 48 horas.

Vestidos de noiva, Max, casacos e calças para senhora.

Aceitam-se tecidos das clientes.

Av. José da Costa Mealha, 83-1.º — Telef. 62735 ou Telef. 63132 — LOULÉ.

VENDE-SE

Prédio térreo c/ 2 frentes. Rua Infante D. Henrique, 203 e R. Dr. Manuel D'Almeida em Portimão.

Resposta ou tratar com N. B. Guerreiro, R. Antero Quental, 24 r/c - Dto. — LOULÉ.

PRÉDIO

Vende-se um prédio c/ 4 assoalhadas, cozinha, casa de banho e arrecadação, situado em Portimão.

Resposta a M. B. C. Guerreiro — Rua Antero de Quental, 24-r/c.-Dto. — LOULÉ.

MANICURE E PÉDICURE

Senhora com apresentação, aceita colocação à percentagem ou vai à casa das clientes.

Telef. 63132 — LOULÉ.

COMPRA-SE

Terreno ou casa para demolir em Loulé.

Resposta ao Apartado 5 — LOULÉ.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Notária: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-50, de fls. 144 a 145, v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Alexandre dos Santos Renda e mulher, Maria da Graça ou Maria da Graça Leal, residentes nesta vila, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte pré-dio:

Urbano, actualmente submetido ao regime de propriedade horizontal, composto de rés-do-chão, 1.º e 2.º andares, passando a ser constituído pelas fracções autónomas A, B e C, na Avenida José da Costa Mealha, desta vila e freguesia de S. Clemente, confrontando do norte com o proprietário, do nascente com Senhorinha do Carmo, do sul com Avenida José da Costa Mealha, e do poente com Rua em Projecto, com a superfície coberta de 151 m², inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo n.º 4 861, com o valor matricial de 410 400\$00, e o declarado de 500 000\$00, e antes da constituição no referido regime, sob o artigo n.º 4 100.

Que o mesmo pré-dio não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e que o justificante varão é titular da referida inscrição matricial.

Que este pré-dio lhes pertence, pelo facto dos justificantes o haverem constituído exclusivamente a expensas suas, num terreno com a área de 151 m², confrontando então do nascente com Manuel Capadinho, do norte com estrada, do poente com Joaquim Correia Barrocal e do sul com Avenida José da Costa Mealha, que pelo preço de 45\$00, compraram em 6 de Julho de 1923, a Joaquim Correia Barrocal e mulher, Maria de Jesus Viegas Barrocal, casados segundo o regime da comunhão geral de bens e residentes nesta vila, tendo sido, porém, aquela compra feita por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública.

Que desde a data da referida compra, sempre os justificantes possuíram o aludido terreno, e posteriormente o pré-dio edificado, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida, sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo, por isso, a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que também o adquiriram por usucapião, não podendo assim, comprovar o seu direito de propriedade pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 28 de Setembro de 1977.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

BRANDYMEL

ESPECIALIDADE DE MEL PURO

E FRUTOS DESTILADOS

Recomenda-se aos apreciadores

RECUSE AS IMITAÇÕES

VEÍCULOS — VENDEM-SE

BEDFORD de 4 000 Kg de 1973 — a andar
MERCEDES BENZ de 8 000 Kg de 1960 — parado
RENAULT 4L de 1972 — parado

Os veículos podem ser vistos na fábrica de cimento em Loulé.

Recebem-se propostas individuais em carta fechada até ao dia 15/10/77 para:

CIMPOR — Cimentos de Portugal, E. P.
Centro de Exploração de Loulé
Apartado 45 — LOULÉ.

PARA QUANDO o abastecimento de água a Boliqueime?

(continuação da pág. 1) indignada, até porque os «furos artesianos» donde sairão a água estão abertos, por incrível que pareça, há cerca de 18 anos!

Ao mesmo tempo já o ano passado existia uma verba superior a 10 000 contos para a obra, tendo inclusivamente o Presidente da Câmara de Loulé afirmado a um jornal regional que a mesma se iniciaria por todo o verão.

Demonstrando a sua preocupação os elementos locais do PSD formulam uma pergunta: — A quem pedir responsabilidades?

E mais adiante: «Para a população a questão é bem simples! Pouco lhe interessa se a responsabilidade é da Câmara Municipal de Loulé, do Gabinete de Planeamento do Algarve

«CARNAVAL NO ALGARVE - 78» — EM LOULÉ

(continuação da pág. 1) possam conferir aquele carácter. Após uma análise ao realizado nas festas carnavalescas deste ano verificou-se a necessidade de promoção de um Carnaval para que venha a conhecer uma efectiva projecção. Foi assim decidido que o apoio promocional, organizativo e de animação a prestar pela Comissão Regional de Turismo do Algarve se centralize em torno do Carnaval de Loulé. Isto não invalida a realização dos habituals e tradicionais festeiros do Carnaval noutras localidades algarvias.

Até que enfim, se fala de Carnaval de Loulé com a necessária antecedência.

AOS NOSSOS ASSINANTES NO ESTRANGEIRO E... EM LOULÉ

(continuação da pág. 1) elo de ligação entre Loulé e aqueles que, por força das circunstâncias, algum dia deixaram o torrão natal em procura de melhores dias.

Este nosso apelo é especialmente dirigido a si que se encontram em atraso, facto que nos causa imensas dificuldades.

Sugerimos por isso que escrevam aos seus familiares que procedam ao pagamento das assinaturas na nossa redacção ou nos enviem cheques correspondentes aos valores em débito.

Para facilitar o cumprimento desse dever, mais uma vez publicamos a tabela do custo das assinaturas:

6 meses	130\$00
12 meses	260\$00
6 meses (estrangeiro)			230\$00
12 meses (estrangeiro)			450\$00
6 meses (estr.) avião			320\$00
12 meses (estr.) avião			600\$00

Aos nossos assinantes de Loulé que deixaram passar o prazo de pagamento nos C. T. T. muito agradecemos que procedam à liquidação a fim de evitar novas e pesados encargos com a cobrança.

Como já se encontra a pagamento o 2.º semestre do corrente ano, parece-nos absolutamente lógico que os nossos assinantes se disponham a pagar os seus recibos.

É um dever de consciência cada um pagar o que deve.

QUARTO

Aluga-se um quarto a meninas ou senhoras.

Contactar com Maria Bento.

Largo da Matriz, 23 — LOULÉ.

(4-4)

Contribuições e impostos

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento durante o mês de Outubro nas Tesourarias de Finanças, a Contribuição Industrial — Grupo B — liquidação definitiva de 1976.

A contribuição industrial deverá ser paga por uma só vez, no mês de Outubro.

Não sendo paga no mês do vencimento, começará a correr imediatamente juros de mora.

TÉNIS — VII Torneio Internacional Dunlop no Algarve

Já inscreveram os seus nomes como vendedores do «Torneio Internacional Dunlop» Ana Maria Estalella (que vai lutar pela sua quinta vitória em singulares senhoras), a inglesa Virginia Wade, o espanhol Manuel Santana e o australiano Ken Fletcher.

**Novas
taxas de juro**

**até
16%
ao ano
sem impostos**

**PARA TRABALHADORES PORTUGUESES
NO ESTRANGEIRO**

**Deposite o seu dinheiro,
em Portugal,**

numa conta de Depósitos a prazo,
em Escudos.

Nem é preciso fazer contas!
Ganha mais. Vê-se logo!

**Depósitos com pré-aviso ou a prazo
a mais de 30 dias**

6%

Depósitos a prazo a mais de 90 dias

9%

Depósitos a prazo a mais de 180 dias

15%

Depósitos a prazo a mais de 1 ano

16%



CONSULTE O SEU BANCO

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

O BADAGAIO

Ciclismo, é desporto que tem as tradições nos hábitos do povo algarvio. Não surpreende, por isso, que as pessoas acorram em número elevado à beira das estradas, a aplaudir e a empurrar quando é preciso, os ciclistas que passam velozes nas suas camisolas coloridas, ensopadas no suor do esforço, e brilhantes nos reflexos do sol pelos raios das bicicletas em movimento.

Existem mesmo pontos estratégicos, onde os aficionados mais fanáticos pela modalidade, normalmente posicionados no cimo de uma subida dura, vão ver os ciclistas chegar um a um, penosamente, pedal acima, pedal abaixo, a língua de fora, os olhos em bico, a testa no guidão, o doping no bucho, e sempre há um saco de água, uma mangueira, uma laranja, para refrescar e animar o alento da força pedaleira.

Há também, aquele espectador que não vibra, derrotista por natureza, e para quem a equipa da terra «não vale nada», «são uns penduras», que «andam para trás em vez de andarem para a frente».

É o indivíduo que se queixa de no «seu tempo é que era bom», «é que havia força», e que hoje em dia, «não passam de uns atrasos de vida» que se arrastam em cima das bicicletas.

Normalmente, trata-se de antigos ciclistas falhados, que nunca chegaram à frente do que quer que fosse, nem inscreveram o seu nome no rótulo de alguma taça ou faianha de realce.

Hoje, que a memória dos seus contemporâneos já não estará tão fresca e tão lúcida como noutros tempos, arriscam a gabar-se de feitos fantasmagóricos, de proezas invisíveis, e que «no tempo deles é que era bom».

É claro que, felizmente, não são muitos os que pensam assim.

Com muita ou pouca força, o certo é que os ciclistas ao passarem, mais o alarido estonteante da caravana colorida a buzinar e a furar loucamente por essas estradas fora, ainda entusiasmam e empolgam sobremaneira o público espectador.

E, de tal maneira que, na recentemente disputada III Volta ao Algarve em bicicleta, no final da penúltima etapa com término em Loulé, a Ti Rosairinha, mau grado a sua respeitável condição de octogenária, aventurou-se a abeirar da estrada, ali mesmo à entrada da vila louletana, para ver os ciclistas passar.

E, realmente, quando o Carlos Vitorino do Câmpio-nense-Marina de Loulé, passou isolado a caminho da metade para vencer a etapa, perante o delírio dos louletanos, à boa da Ti Rosairinha, deu-lhe o badagaio ali mesmo à beira da estrada, já no luto do alcatrão preto do asfalto, e assinalou para a história necrológica da sua família, a passagem de um ciclista algarvio, que ganhou onde devia ganhar.

V Grande Torneio Aberto de Ténis de Mesa Feira de Santa Iria-77 — II Internacional

Com a organização da Associação de Ténis de Mesa de Faro, e subsidiada pela Câmara M. de Faro, realizar-se-á nos dias 22 e 23 deste mês o V Grande Torneio Aberto da «Feira de Santa Iria — II Internacional», no Pavilhão Gimnodesportivo da referida cidade.

As provas reunem infantis, júniores, séniores, veteranos, meninas e senhoras, desde que filiados na Federação Portuguesa de Ténis.

O torneio será disputado com eliminatórias à primeira derrota no melhor de três jogos e sob as regras oficiais da F. P. T. M., havendo classificações individuais e por equipas.

As inscrições foram encerradas no passado dia 30 de Setembro.

Prémios a distribuir: Para equipas, 1 taça por cada 2 equipas con-

correntes e 1 medalhão comemorativo a cada Clube. Para individuais: 1 taça para cada finalista em todas as classes; medalhão aos 3.os e 4.os; medalhas aos 5.os, 6.os, 7.os e 8.os e ainda medalhas comemorativas a todos os praticantes.

Prémios especiais: atribuição de 1 taça ao clube que no conjunto das classes consiga menos pontuação; atribuição de 1 taça ao clube que apresente maior número de participantes em prova no conjunto das classes; atribuição de 1 taça ao clube que maior número de participantes apresentar na classe infantil; atribuição de 1 taça ao clube nacional que tinha percorrido maior distância para participar no torneio.

As provas do dia 22 terão inicio às 21 horas.

Dia Mundial da Poupança Comemorações Filatélicas

Com o fim de solenizar o Dia Mundial da Poupança, vai a Caixa Geral de Depósitos, sob a égide do Instituto Internacional das Caixas Económicas, promover a 31 de Outubro vários actos comemorativos que culminarão como a realização da I Mostra Filatélica subordinada ao tema «Poupança».

Integradas no evento, sete máquinas de franquia da Caixa Geral dos Depósitos em Lisboa e Porto estão, desde 16 de Julho passado a utilizar cunhos de propaganda com legendas alusivas à efeméride.

Complementarmente, o acontecimento vai ser amplamente anunciado por intermédio de diferentes flâmulas publicitárias aplicadas por máquinas de carimbar em Lisboa, Porto, Coimbra, Ponta Delgada e Funchal.

SEMENTES DE CEREAIS

Segundo avisa o Instituto dos Cereais, encontram-se nos seus celeiros para entrega, sementes seleccionadas de trigo, cevada e aveia destinadas à próxima cultura cerealífera, que vai ser iniciada em breve.

Os preços das sementes são os seguintes: trigo, 9\$00 para a semente certificada e 8\$00 por quilo para a reserva de celeiros; cevada, 8\$70 por quilo para o grão de pureza varietal, aveia, 8\$00 por quilo.

Dado que as sementes em questão foram objecto de tratamento químico são consideradas impróprias para consumo humano ou animal.

DIA MUNDIAL DA MÚSICA

Foi no passado dia 1 de Outubro que transcorreu o «Dia Mundial da Música», que completou assim o seu 3º aniversário de existência.

A sua criação ficou-se devendo a um manifesto da lavra do grande violinista Mehudi Menuhin, presidente do Conselho International de Música da UNESCO, datado de 1974.

O projecto aludido provocou viva discussão nos círculos musicais mais autorizados, mas ao fim e ao cabo conseguiu impôr-se.

Assim pela primeira vez, o Dia Mundial da Música comemorou-se em 1975.

Este último Dia Mundial da Música passou quase despercebido, se não de todo em especial fora da capital, onde no Teatro Nacional de S. Carlos teve a sua récita de gala.

Mas não devemos esquecer as intenções que presidiram à sua criação e que ficaram bem expressas no projecto inicial: a de que a data 1 de Outubro passasse no mundo inteiro a ser consagrado à música nas suas diversas manifestações, não só a nível das grandes salas de espectáculos, como nas ruas e praças públicas.

Da data transcorrida ficou-nos só a lembrança de que no nosso país pouco ou nada se fez de acordo com os elevados desiderados que o elegeram.

ASSEMBLEIA DO CLERO ALGARVIO

No passado dia 5 de Outubro, decorreu em S. Lourenço do Palmeiral, uma assembleia do clero algarvio.

Durante o encontro foram analisadas e debatidas as linhas de pensamento e de ação necessárias à estruturação e dinamização mais convenientes da pastoral diocesana.

«ANGOLA É NOSSA!» — gritam os soviético-cubanos

Por LUIS PEREIRA



não possuir um País próprio, democrático e livre, já que os expansionistas persistem em levar a cabo a tarefa de que «Angola é nossa!». Para mal dos nossos pécados, nós Portugueses que não nos devemos orgulhar com o nossos erros, estamos a sacrificiar a geração futura em virtude de não termos condições suficientes para sustentarmos tanta gente.

Culpa de quem? De todos quantos apoiam o colonialismo, a repressão, o totalitarismo. Daqueles que persistem em andar a seu lado, como se a construção da paz e da liberdade que apregoam, se construisse com a força dos tanques, das G-3, dos cocktails molotov, e da tirania e ambição do poder, dos novos colonos. Que me desculpem aqueles em cuja alma palpita o amor pátrio e que nunca tiveram uma Pátria digna para viver! Angola e Moçambique não pertencem ao seu povo, e são palcos de execuções arbitrárias onde a sociedade sem classes permite que Samora e Neto ultrapassem a escala da exploração e da repressão colonialista. A emancipação dos trabalhadores é a obediência à KGB.

O internacionalismo proletário são as conferências e os jantares de confraternização que os senhores do Kremlin fazem em luxuosos hoteis.

Enfim, atrocidades e crimes genocídios que ferem o coração de verdadeiros democratas!

CAMPANHA CONTRA A PORNOGRAFIA E VIOLENCIA

(continuação da pág. 1)
qualidade de primeiro cidadão deste País e de mais directamente responsável pela reconstrução da comunidade, é solicitado por graves e urgentes problemas, ele com todos os seus colaboradores — como é o caso de V. Ex.º que aqui o representa —, não queremos, de forma alguma, demorar muito tempo nesta audiência que o Senhor Presidente teve a gentileza de nos conceder por intermédio e que, mesmo assim, agradecemos.

Têm diante de V. Ex.º, Senhor Doutor Macedo de Almeida, um grupo de Mulheres de Braga, onde nasceu o movimento que aqui nos traz, mas algumas mulheres que representam milhares de jovens, noivas, esposas e mães deste País, como pode verificar pelas assinaturas da exposição de que fazemos entrega a V. Ex.º.

Ao que vimos? Pedir ao Senhor Presidente da República, o mais directo responsável pelos destinos da Nação, sabedoras de que também nós somos responsáveis pelo que se passa no Portugal que tanto amamos, vimos pedir a Sua Ex.º o Senhor Presidente da República tome medidas

urgentes para a solução de um problema, como é o da violência e da pornografia no Cinema e em alguns programas da Televisão.

Queremos muito ao nosso País, e nós estaremos a envenenar a juventude, que é o seu futuro. Desejamos colaborar na construção de uma sociedade mais fraterna e mais justa, e sentimos na carne a semelhança da violência, geradora do ódio e da intolerância, que anda a ser feita. É nosso propósito ajudar a criar um ambiente onde se ponha termo à exploração do homem pelo homem, e sentirmos-nos envergonhados — diga V. Ex.º ao Senhor Presidente — com a imagem que de nós se faz.

É bem simples o que pedimos: medidas eficazes contra a onda de violência e de pornografia sob qualquer forma que se apresentem. Façam-no em defesa do futuro — e já do presente — deste País que desejamos cada vez mais prestigiado.

Estamos certas de que podemos contar com Sua Ex.º o Senhor Presidente da República. E Ele pode contar, para a reconstrução de um Portugal melhor, com os milhares de mulheres e homens que nos deram a sua adesão.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Comunica-se a todos os municípios que, no próximo dia 18, pelas 21 horas, terá lugar nos Paços do Concelho de Loulé uma Sessão EXTRAORDINÁRIA que tem por objectivo debater publicamente várias questões pendentes de urgente solução.

Agradece-se por isso, a comparecência de todos os louletanos interessados em resolver problemas de grande interesse para o desenvolvimento regional.

O Presidente Substituto da Assembleia Municipal de Loulé